

Gozo

Nestor Brownstein
São Paulo: Escuta, 2007, 344 págs.

Betty B. Fuks

O gozo na experiência e teoria psicanalítica*

745

O livro traz uma reflexão profunda sobre um dos conceitos mais importantes da psicanálise, à luz do pensamento de Jacques Lacan. O autor demonstra, com rigor, que trata-se de uma ferramenta indispensável para o analista confrontado, cada vez mais, com o excesso de gozo que não mais encontra as barreiras do prazer.

“Sejam vocês lacanianos, se quiserem, eu sou freudiano”. Nestes termos, Lacan assumia que o futuro da psicanálise está na dependência direta do incessante retorno às fontes freudianas. Maneira incisiva de lembrar aos analistas que a transmissão da disciplina criada por Freud, exige repetição e traição a um só tempo. No campo da ciência do particular não há lugar para aprendiz de feiticeiro:

* Publicado originalmente no caderno “Cultura”, do *Diário do Nordeste*, de 23/9/2007.

o analista deixando-se invadir pela “estranha-conhecida” presença do outro, vive a experiência de modo a modificar, inventar e recriar a teoria.

Com um quê de ortodoxia e provido dos modelos e sensibilidades que recebeu de sua época, Lacan abandona a leitura cronológica dos textos freudianos para buscar nos brancos e nas margens de cada um deles, um não dito. Isto resultou numa série de contribuições originais que fez à psicanálise, sistematizadas durante as décadas. “Não me repito, mas sempre digo o mesmo” afirmava Lacan. Assim, relendo os fundamentos da pulsão de morte, transformou em conceito o vocábulo da língua alemã, “Genuss”, gozo, usado por Freud para designar o que está proibido ao humano: a repetição do gozo mítico da primeira satisfação. No plano clínico, gozo remete à encruzilhada estabelecida entre uma prática voltada exclusivamente à interpretação do sintoma, como o era no tempo da fundação da psicanálise, e a urgência de se introduzir o limite capaz de orientar o sujeito em direção ao desejo.

Néstor Braunstein acaba de ter lançado no Brasil, *Gozo*, livro que ilumina de modo original e criativo, o conceito de mesmo nome. O autor revela uma capacidade inquietante de escavar o conceito numa dimensão poética, clínica, teórica e didática ímpar. Resultado: desde sua primeira publicação no México em 1990, à segunda edição francesa de 2005, *Gozo* passou por sucessivas modificações, atualizações, reescritas e inovações terminológicas. Ao designar a dimensão “gozosa” da psicanálise, faz surgir outros sintagmas, enriquecendo a conceituação lacaniana do que está mais além do princípio do prazer freudiano. Sorte a do leitor brasileiro. Ganha a obra exaustivamente revisada e, em seu conjunto, acrescida de novas indicações bibliográficas e ensaios inéditos.

O dom em sair e voltar ao campo da psicanálise com uma perspectiva de forma absolutamente fecunda, sustenta a evolução do trabalho teórico de Braunstein. Da urgência em abordar as complexas relações entre o ensino de Lacan e o pensamento de Foucault, surge a escrita do ensaio que articulado com o conjunto do livro, atualiza o ponto mais debatido da contribuição lacaniana sobre o gozo. A saber: a inexistência de qualquer relação natural entre os sexos que, segundo Braunstein, pode servir como base de compreensão para a teoria *queer*.

A consistência clínica do autor abre novas janelas, articulações originais entre o conceito de gozo e as estruturas clínicas – neurose, perversão e psicose. Bela maneira de dar conta do que faz e explicitar claramente para que serve a psicanálise, num mundo em que cada vez mais se tenta apagar a singularidade do sujeito, oferecendo-lhe a ilusão de que os objetos gozosos podem recheiar a falta-a-ser que o desejo revela em sua raiz. E neste sentido, as referências feitas às patologias mais dramáticas de nossa época – anorexia, bulimia, toxicomanias e outras formas de angústia – todas ligadas ao excesso de gozo iluminam a crítica

da psicanálise à cultura. A produção maciça de objetos na atualidade atende, exclusivamente, à demanda do mercado capitalista em detrimento do sujeito do desejo. Ou seja, o homem contemporâneo é compelido a gozar excessivamente daquilo que não serve para nada.

No último capítulo, Gozo e ética na experiência psicanalítica, o recurso usado para encaminhar o leitor a tal sorte de questão foi o de explorar uma outra face do gozo – ‘aquela que passa pela mediação ativa do diafragma da palavra’. O autor parte da hipótese de que se a experiência psicanalítica está jogada integralmente na relação do sujeito com o gozo, ela se orienta para um certo bem que é o gozo como possível. E aqui o autor faz uso do estilo que convém à sua mensagem: ‘o gozo é aquilo que deve ser recusado para que possa ser alcançado. Na rota até o gozo há que fazer, forçosamente, uma escala no porto do desejo’. O lirismo da sentença agrega algo mais ao rigor clínico e teórico do autor.

BETTY BERNARDO FUKS

Psicanalista e professora doutora da PUC-RJ (Rio de Janeiro, RJ, Brasil); membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental.

Av. Rui Barbosa, 500/602

22250-020 Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Fone: (21) 2553-0180

e-mail: betty_fuks@hotmail.com